

RELATO DE PESQUISA

TOPONÍMIA DE INFLUÊNCIA INDÍGENA NOS BAIRROS DE BELO HORIZONTE

Lorenza LOURENÇO  

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Evandro L.T.P. CUNHA  

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Miguel Oliveira, Jr. (UFAL)
- René Almeida (UFS)

REVISADO POR

- Rogério Ferreira (UFMS)
- Cezar Neri (UFAL)

SOBRE OS AUTORES

- Lorenza Lourenço
Conceptualização, Investigação,
Metodologia, Escrita - Rascunho
Original e Escrita - Análise e Edição.
- Evandro L.T.P. Cunha
Conceptualização, Investigação,
Metodologia, Escrita - Rascunho
Original e Escrita - Análise e Edição.

DATAS

- Recebido: 30/01/2020
- Aceito: 06/05/2020
- Publicado: 03/11/2020

COMO CITAR

LOURENÇO, Lorenza; CUNHA, Evandro
L.T.P. (2020). Toponímia de influência
indígena nos bairros de Belo Horizonte.
Cadernos de Linguística,
v. 1, n. 2, p. 01-19.

RESUMO

Os estudos toponímicos na cidade de Belo Horizonte oferecem interessantes possibilidades de pesquisa pelo fato de a capital mineira ter sido inicialmente planejada e construída em um curto período de tempo e, posteriormente, ter apresentado grande crescimento territorial e demográfico, desenvolvendo-se sob distintas influências ao longo das décadas seguintes. Na toponímia, uma dessas influências é a do léxico de origem indígena. Neste trabalho, investiga-se, a partir de uma perspectiva léxico-toponímica, a influência de línguas indígenas brasileiras na adoção dos nomes dos bairros belo-horizontinos. Foram analisados os nomes atuais de todos os 512 bairros da capital mineira, identificando aqueles que possuem algum elemento lexical de origem indígena em sua formação. Realizaram-se, então, análises etimológica e morfológica desses topônimos, os quais foram classificados de acordo com uma proposta de taxonomia toponímica. Efetuou-se ainda uma análise da representatividade dos topônimos com influência indígena no território da cidade, por meio da qual se demonstrou que cerca de um sétimo da cidade de Belo Horizonte está em bairros cujos nomes possuem pelo menos um item lexical de origem indígena. Este trabalho contribui, assim, para as pesquisas sobre a toponímia belo-horizontina e, de maneira mais geral, para os estudos em toponímia de origem indígena no Brasil.

ABSTRACT

Toponymic studies in the city of Belo Horizonte offer interesting possibilities of research because the capital of Minas Gerais was initially planned and built in a short period of time and, subsequently, it presented great territorial and demographic growth, developing itself under different influences over the next decades. In its toponymy, one of these influences is the lexicon with indigenous origin. In this work, we investigate, from a lexical-toponymic perspective, the influence of Brazilian indigenous languages in the adoption of the names of Belo Horizonte neighborhoods. The current names of all 512 neighborhoods of the capital of Minas Gerais were analyzed, and those that include some lexical element with indigenous origin in their formation were identified. Then, etymological and morphological analyses of these toponyms were carried out, and they were classified according to a proposal of toponymic taxonomy. We also analyzed the representativeness of toponyms with indigenous influence in the territory of the city, and we demonstrated that about one seventh of the city of Belo Horizonte lies in neighborhoods whose names have at least one lexical item with indigenous origin. This work thus contributes to the research on the toponymy of Belo Horizonte and, more broadly, to the studies on indigenous toponymy in Brazil.

PALAVRAS-CHAVE

Toponímia Urbana; Léxico Indígena em Português; Belo Horizonte.

KEYWORDS

Urban Toponymy; Indigenous Lexicon in Portuguese; Belo Horizonte.

INTRODUÇÃO

Por meio da toponímia – isto é, “a parte da lingüística que se ocupa da origem dos nomes de lugares, de suas relações com a língua do país, com as línguas de outros países ou com línguas desaparecidas” (DUBOIS *et al.*, 1986, p. 590) – é possível analisar as influências de diversas línguas e culturas na nomeação dos territórios, contribuindo, assim, para a compreensão e a ampliação da consciência coletiva acerca dos processos etnolinguísticos e histórico-culturais referentes às localidades em questão. Embora grande parte dos estudos toponímicos se dedique à investigação de nomes atribuídos a acidentes geográficos, como rios e montanhas, ou ainda ao estudo de nomes dados a assentamentos humanos, como povoados e cidades, a crescente urbanização tem tornado cada vez mais relevante a pesquisa toponímica no âmbito interno de grandes metrópoles. Nesse contexto, diversos trabalhos têm se dedicado à análise sobretudo de nomes de ruas, mas também de outros elementos do território urbano, como edifícios, praças e bairros.

A capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, oferece interessantes possibilidades para os estudos em toponímia urbana no Brasil. O fato de ter sido uma cidade planejada e construída em um curto espaço de tempo, ao final do século XIX, motivou a necessidade de adoção de uma grande quantidade de nomes de ruas e bairros em um período muito reduzido, refletindo diretamente os interesses da época. No entanto, a maior parte da área atualmente coberta pela metrópole mineira não corresponde ao traçado planejado inicialmente, mas a etapas posteriores de expansão, com ruas e bairros tendo seus nomes atribuídos em diferentes momentos e sob distintas influências ao longo dos séculos XX e XXI. A influência do léxico indígena, uma daquelas percebidas na toponímia belo-horizontina, é claramente identificável, por exemplo, a partir da análise dos etnotopônimos (topônimos relativos a povos e grupos étnicos) em um grande número de ruas que compõem a região central, planejada, da cidade – como é o caso, por exemplo, da Rua dos Carijós, da Rua dos Goitacazes e da Rua dos Tupis. Entretanto, essa influência é aparentemente menos evidente nos topônimos referentes aos bairros da cidade.

Este trabalho possui como principal objetivo contribuir para a compreensão da influência do léxico de origem indígena na toponímia de Belo Horizonte, demonstrando, a partir de uma pesquisa linguística de caráter léxico-toponímico, a influência de línguas indígenas brasileiras na adoção dos nomes dos bairros belo-horizontinos. Foram analisados os nomes atuais de todos os bairros da capital mineira, obtidos por meio de fontes oficiais e desconsiderando o fato de que alguns bairros tiveram seus nomes alterados com o passar do tempo. Aqueles com algum item lexical de origem indígena foram então selecionados e analisados sob as perspectivas etimológica e morfológica. Finalmente, a partir desse levantamento e do cruzamento com dados de distribuição populacional e territorial, foi possível fornecer informações relativas à fração da população residente

em bairros cujos nomes possuem influência indígena e à área da cidade compreendida por esses bairros, permitindo tecer reflexões acerca da representatividade dessa influência na toponímia de Belo Horizonte.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E TRABALHOS RELACIONADOS

Este estudo baseia-se, sobretudo, no aparato teórico-metodológico apresentado por Dick (1990a, 1990b, 2006, 2007) e por Seabra (2004). Segundo Dick (2007), os estudos toponímicos permitem a identificação de características físicas e de influências socioculturais dos locais que nomeiam. Além disso, “o designativo toponímico [isto é, o topônimo propriamente dito] (...) passa a incorporar, ele próprio, as características do espaço que nomeia (*sic*)”, de forma que “*nome e coisa nomeada* passam a significar o mesmo dado, do ponto de vista semântico” (p. 144, grifo no original). Mesmo após um processo de esvaziamento semântico dos topônimos, que pode ocorrer “pela distância entre o uso da forma e do local e a época do aparecimento ou de sua criação” (DICK, 2007, p. 145), é trabalho do pesquisador a busca pela recuperação da origem desses topônimos – ainda que esteja, muitas vezes, “perdida no tempo”. Seabra (2004) acrescenta que “a língua se evidencia como parte da cultura de uma sociedade e que é através do sistema lingüístico, mais especificamente do seu léxico, que os indivíduos se expressam e expressam seus valores, construindo a sua história” (SEABRA, 2004, p. 28). A autora certifica ainda que, ao se contemplar a dimensão social da língua, o léxico pode ser considerado um “patrimônio cultural de uma comunidade” e que

o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multisseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época, *mots-témoins*. (SEABRA, 2004, p. 29, grifo no original)

Os estudos toponímicos possibilitam resgates históricos e culturais acerca dos locais que nomeiam – o que ocorre, segundo Cordeiro e Seabra (2017), devido à intencionalidade no processo de atribuição de nomes a lugares. Na mesma linha, Curvelo-Matos (2014) explicita que o estudo dos topônimos pode apontar elementos reveladores de aspectos sociais, políticos e religiosos de quem os nomeou e da época em que foram nomeados. Com este trabalho, pretende-se, assim, contribuir não apenas para o enriquecimento do conhecimento lingüístico acerca dos nomes dos bairros de Belo Horizonte, mas também como suporte para o fortalecimento das identidades e de sentimentos de pertencimento locais.

Uma série de trabalhos já abordou temas relacionados aos considerados neste artigo. Dentre o elevado número de estudos que se debruçaram sobre a toponímia de influência

indígena no Brasil, destacamos as publicações de Cordeiro e Seabra (2017) sobre a litotoponímia de origem indígena em Minas Gerais; os artigos de Melo (2013) e de Siqueira e David (2014), que estudam topônimos de origem tupi, respectivamente, nos estados de Alagoas e Goiás; a tese de doutorado de Andrade (2006), que apresenta um atlas contendo topônimos de origem indígena no estado do Tocantins (Projeto ATITO); a dissertação de mestrado de Santos (2012) sobre a toponímia colonial em Sergipe Del Rey nos séculos XVI e XVII, que analisa a dinâmica de nomeação e de aceitação de topônimos indígenas em um contexto de contato entre colonos portugueses e nativos; e o artigo produzido por Saraiva, Carvalho e Diniz (2006) acerca dos topônimos indígenas em ruas do centro de Belo Horizonte. Por outro lado, o número de trabalhos sobre topônimos referentes a bairros de cidades brasileiras é consideravelmente menor. Dentre eles, salientamos as teses de doutorado de Di Tizio (2009) e de Curvelo-Matos (2014), que analisam, respectivamente, nomes de bairros de Santo André (SP) e de São Luís (MA); e a dissertação de mestrado de Misturini (2014), na qual se investiga a toponímia dos bairros de Bento Gonçalves (RS).

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foram analisados os nomes atuais de todos os 512 bairros de Belo Horizonte listados na tabela “População residente e densidade demográfica por bairro, território de gestão compartilhada e regional” (PBH, 2010), fornecida pela Prefeitura de Belo Horizonte e que toma como fonte dados do IBGE. A pesquisa prosseguiu com a execução das seguintes etapas: (a) identificação dos topônimos contendo itens linguísticos de origem indígena; (b) análise etimológica e morfológica dos topônimos contendo elementos de origem indígena; (c) preenchimento de fichas lexicográfico-toponímicas referentes aos topônimos com influência indígena; (d) análise da representatividade da influência indígena na toponímia de Belo Horizonte.

2.1. ETAPA (A): IDENTIFICAÇÃO DOS TOPÔNIMOS CONTENDO ITENS LINGUÍSTICOS DE ORIGEM INDÍGENA

O critério empregado para a definição de “influência indígena” nos topônimos estudados foi a presença de qualquer elemento linguístico que tivesse como origem uma língua indígena brasileira¹ – excluindo-se, assim, topônimos como Copacabana (provavelmente de

¹ Na maioria dos casos, a etimologia dos topônimos de origem indígena no sudeste do Brasil remonta ao tupi e à língua geral paulista/meridional. Entretanto, como há uma minoria de casos em que a etimologia remonta a outras línguas indígenas faladas no território brasileiro (especialmente ao guarani), preferimos utilizar, aqui, o termo genérico “língua indígena brasileira”.

origem aimará, língua falada na região andina) do corpo de análise. A admissão de topônimos que possuíssem qualquer elemento de origem indígena significa que foram incluídos na análise não apenas topônimos cuja etimologia fosse integralmente indígena (como Acaíaca), mas também aqueles gerados a partir de derivação sobre raiz indígena (como Mangabeiras [raiz tupi *mangaba* + sufixo português *-eira* + desinência de plural *-s*]), ou até mesmo topônimos compostos híbridos (como Jardim Guanabara, que possui um elemento de origem portuguesa e outro de origem indígena).

Em uma primeira análise dos 512 nomes de bairros listados pelo IBGE, foram já descartados todos aqueles que claramente não possuem influência indígena em sua composição (por exemplo: Centro, Cruzeiro, Olhos d'Água, União etc.). Em seguida, foi realizada a verificação da possível influência indígena nos topônimos restantes por meio de pesquisa lexicográfica em dicionários de língua portuguesa, dicionários etimológicos, dicionários de tupi antigo e enciclopédias.² Aqueles topônimos em que a influência indígena se confirmou foram incluídos no corpo final de análise.

2.2. ETAPA (B): ANÁLISE ETIMOLÓGICA E MORFOLÓGICA DOS TOPÔNIMOS

Os topônimos selecionados na etapa (a) foram, então, analisados nos âmbitos etimológico e morfológico. Do ponto de vista etimológico, buscou-se identificar o significado, em língua indígena, dos itens linguísticos de origem indígena contidos nos topônimos investigados. A identificação desses significados permitiu ainda que fosse realizada a categorização taxonômica desses topônimos de acordo com a proposta classificatória apresentada por Dick (1990b, p. 31-34), que toma a natureza semântica dos elementos que compõem os topônimos como referência de classificação, e conforme descrição posterior de Seabra (2004). Do ponto de vista morfológico, o objetivo foi o de evidenciar as estruturas morfológicas dos topônimos, fossem eles simples ou compostos.

2.3. ETAPA (C): PREENCHIMENTO DE FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS

A partir das informações obtidas na etapa (b), procedeu-se ao preenchimento de fichas lexicográfico-toponímicas de todos os nomes de bairros que compõem o corpo de análise. Segundo Seabra (2004), “[a] ficha lexicográfica pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo” (p. 47).

² Nesta etapa, um exemplo de caso que gerou dúvidas foi o topônimo Barroca. Seabra (2004, p. 125) cita a interpretação de Nelson de Senna, segundo o qual este seria um hibridismo luso-indígena (português “barro” + tupi “oca”). Entretanto, a própria autora descarta essa hipótese ao mencionar outras fontes, mais seguras, as quais demonstram que Barroca não possui nenhuma influência de língua indígena brasileira em sua formação. Aqui, seguimos a orientação de Seabra (2004) – isto é, não incluímos Barroca no nosso corpo de análise.

São úteis, portanto, para organizar os dados obtidos, facilitando seu arquivamento e sua posterior recuperação. As fichas lexicográfico-toponímicas elaboradas no âmbito deste trabalho seguem a configuração apresentada no Quadro 1 e incluem informações de natureza taxonômica, geográfica, etimológica e morfológica.

Topônimo: <u>Acaiaça</u>	Classificação taxonômico-toponímica: Fitotopônimo
Item lexical de origem indígena: acaiacá	
Significado/descrição do item lexical de origem indígena:	
[1] Etimologia: tupi * <i>akaya'ka</i> 'árvore da família das terebintáceas'; segundo Teodoro Sampaio, 'o cedro brasileiro (<i>Cedrela brasiliensis</i>)'.	
[2: <i>akaiá-katingá</i>] Variedade de cedro.	
Estrutura do topônimo: Simples	
Regional: Nordeste	

Quadro 1. Exemplo de ficha lexicográfico-toponímica utilizada no âmbito deste estudo. O item "Regional" refere-se à administração regional de Belo Horizonte em que o bairro se localiza.

O significado e a etimologia dos itens de origem indígena contidos nos topônimos foram consultados, em primeiro lugar, no "Dicionário Houaiss da língua portuguesa" (HOUAISS; VILLAR, 2001), que traz informações etimológicas; no "Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi" (CUNHA, 1998); e no "Dicionário tupi (antigo)-português" (CARVALHO, 1987). Houaiss e Villar (2001) tomam como uma de suas referências Cunha (1998), motivo pelo qual as informações contidas nessas duas obras são, em geral, muito semelhantes entre si ou até mesmo idênticas. Por essa razão, foram incluídas, nas fichas lexicográfico-toponímicas, apenas as informações de Houaiss e Villar, omitindo as de Cunha. Sempre que disponíveis, as informações fornecidas por Carvalho (1987) também foram adicionadas. Nos casos em que o verbete não foi incluído por Carvalho, ou então quando há divergências entre as informações fornecidas por Carvalho e aquelas fornecidas por Houaiss e Villar, foram incluídas também informações obtidas em duas edições da obra "O tupi na geografia nacional" (SAMPAIO, 1901, 1987 [1901]), quando disponíveis, e/ou em outras fontes. Informações de Sampaio foram incluídas também quando julgou-se que elas complementarizariam de maneira relevante os dados anteriormente fornecidos.

No campo "estrutura do topônimo", cada topônimo foi classificado como simples ("que se faz definir por um só formante (...), podendo, contudo, se apresentar também acompanhado de sufixações" (DICK, 1990b, p. 13)) ou composto ("que se apresenta com mais de um elemento formador" (DICK, 1990b, p. 13)). Complementarmente, o topônimo pode ainda ser classificado como híbrido ("que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências; a formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou a indígena + portuguesa" (DICK, 1990b, p. 14)).

2.3. ETAPA (D): ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DA INFLUÊNCIA INDÍGENA NA TOPONÍMIA

Por fim, avaliou-se a representatividade da influência indígena na toponímia belo-horizontina por meio da análise de dados referentes aos bairros identificados na etapa (a). Baseando-se nas informações disponibilizadas pelo IBGE, foram consideradas tanto as áreas que esses bairros ocupam no território de Belo Horizonte quanto suas populações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. ANÁLISE DOS TOPÔNIMOS

Após a execução da etapa (a) (Seção 3.1), o tamanho do corpo de análise passou de 512 para 57, indicando que os nomes de bairros com influência de línguas indígenas brasileiras correspondem a 11,1% do total de bairros de Belo Horizonte. No Quadro 2, estão elencados esses 57 topônimos, agrupados de acordo com o item lexical de origem indígena neles contidos (exemplo: os topônimos Sumaré e Vila Sumaré foram ambos reunidos junto ao item “Sumaré”). No quadro, constam ainda informações resumidas das fichas descritas na Seção 3.3, que não puderam ser inteiramente reproduzidas aqui por limitações de espaço.

É importante ressaltar que, no caso dos topônimos compostos, as classificações taxonômico-toponímicas adotadas aqui levam em consideração todas as lexias presentes nos topônimos – isto é, a classificação não é feita apenas a partir da análise do primeiro elemento, tampouco a partir da análise do (provável) elemento mais significativo do ponto de vista sócio-histórico (conforme realizado em diversos outros trabalhos), mas a partir da análise de todos os elementos que compõem o topônimo em questão. Ao discutir a problemática relacionada à taxonomia de topônimos, Aguilera (1999) explica a proposta, adotada aqui, de se utilizar um sistema classificatório que contemple todos os elementos do topônimo:

Outra sugestão seria propor uma taxa especial que contemplasse todos os elementos do nome (Lima, 1998) e então teríamos taxonomias do tipo geomorfo-hagiotopônimo (para Porto Natal), geomorfozootopônimo (para Barra do Jacaré) e numerogeotopônimo³ (para Quatro Barras). (AGUILERA, 1999, p. 131-132)

Item de origem indígena	Significado/descrição do item de origem indígena	Topônimo e sua estrutura	Classificação taxonômico-toponímica ⁴
-------------------------	--	--------------------------	--

3 Segundo nosso entendimento, a classificação do exemplo dado (Quatro Barras) deveria ser numerogeomorfotopônimo e não numerogeotopônimo (ver a descrição de “geomorfotopônimo” na nota 6).

4 As classificações presentes no material analisado são: acronimotopônimo (referente a acrônimos e siglas); antropotopônimo (referente a nomes próprios de pessoa); corotopônimo (referente a nomes de outros locais,

acaiaicá	[1] Etimologia: tupi *akaya'ka 'árvore da família das terebintáceas'; segundo Teodoro Sampaio, 'o cedro brasileiro (<i>Cedrela brasiliensis</i>)'. [2: akaiá-katinga] Variedade de cedro.	Acaiaica (simples)	Fitotopônimo
andiroba	[1] Etimologia: tupi ñandi'rowa, de ña'ndi'óleo, azeite' + 'rowa 'amargo'. Árvore de até 30m (<i>Carapa guianensis</i>) da família das meliáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, especialmente do Brasil. Outras plantas também levam este nome. Variantes: jandiroba, jendiroba. [2: nhandy-robá] Planta da família das curcubitáceas.	Andiroba (simples)	Fitotopônimo
araguaia	[1: araguaí] Etimologia: aragwa'i. Periquitão-maracanã (<i>Aratinga leucophthalmus</i>). [3: araguaya] De ará-guaya 'os papagaios mansos'. Nota: há certa divergência sobre este item. Outras fontes sugerem 'rio das araras mansas' ou ainda 'o vale ou a baixada dos papagaios'.	Araguaia (simples)	Zootopônimo (se forem consideradas as definições de [1] e [3])
bacurau	[1] Etimologia: tupi *waku'rawa. Designação comum a várias aves caprimulgiformes da família dos caprimulgídeos, de hábitos noturnos. Variantes: acuraua, acurau, curaua. [3] Voz onomatopaica da ave noturna (<i>Caprimulgus</i>).	Bacurau (simples)	Zootopônimo
braúna	[1] Etimologia: tupi imbirá'una, composto de imbirá 'madeira' + 'una 'negro'. Árvore de até 17m (<i>Melanoxylon brauna</i>) da família das leguminosas, sub-família cesalpinoídea, nativa do Brasil. Outras plantas também levam este nome. Variantes: baraúna, baraúva, garaúna, entre outras. [2: ybyrá-una] Árvore da família das leguminosas, gênero <i>Melanoxylon</i> .	Braúnas (simples híbrido: braúna + desinênciade plural -s)	Fitotopônimo
buriti	[1] Etimologia: tupi *mbiri'ti'espécie de palmeira'; variantes com mb- > b- ou m-. Designação comum a plantas dos gêneros <i>Mauritia</i> , <i>Mauritiella</i> , <i>Trithrinax</i> e <i>Astrocaryum</i> , da família das palmas, ou ao fruto ou à fibra dessas palmeiras. Variantes: meriti, miriti, muritim, entre outras. [2: burity] De mbiriti, nome da palmeira <i>Mauritia vinifera</i> . Variantes: miriti, muriti. [3: burity] De mbiriti'árvore que emite líquido; a palmeira' (<i>Mauritia Vinifera</i>). Variantes: murity, mirity, mority.	Buritis (simples híbrido: buriti + desinênciade plural -s)	Fitotopônimo
caiçara	[1] Etimologia: tupi kaai'sa 'cerca de ramos, fortificação para vedar o trânsito'; também caiçará 'pescador praiano', 'português'. Cerca ou paliçada feita em torno de taba ou aldeia indígena, para proteção contra inimigos ou animais. Outros tipos de proteções, cercas, paliçadas e armadilhas também levam este nome. Variante: caissara. [2: ká-icá] Cerca de ramos, fortificação (dos sítiantes). Variante: kaá-icá.	Alto Caiçaras (composto híbrido)	Dimensioergotopônimo
		Caiçara-Adelaide (composto híbrido: justaposição com nome Adelaide)	Ergoantropotopônimo
		Caiçaras (simples híbrido: caiçara + desin. de plural -s)	Ergotopônimo
corumbiara	[1: columbiara] Pertencente aos columbieras, grupo indígena que habita o sul de Rondônia (Área Indígena Rio Branco). Variante: corumbiara.	Corumbiara (simples)	Etnotopônimo

como cidades, países e continentes); cromotopônimo (referente a cores e à escala cromática); cronotopônimo (referente a indicadores de tempo); dimensiotopônimo (referente a características dimensionais e de tamanho); dirrematotopônimo (construído a partir de frases ou enunciados linguísticos); ecotopônimo (referente a habitações); ergotopônimo (referente a objetos e a elementos da cultura material); etnotopônimo (referente a povos, etnias ou grupos étnicos); fitotopônimo (referente a vegetais); geomorfotopônimo (referente ao relevo e a formas do terreno); hagiopônimo (referente a figuras religiosas católicas); hidrotopônimo (referente a cursos d'água e elementos hidrográficos); hodotopônimo (referente a vias de comunicação); litotopônimo (referente a elementos do solo e minerais); meteorotopônimo (referente a fenômenos atmosféricos); poliotopônimo (referente a conjuntos e aglomerados populacionais); sociotopônimo (referente a atividades profissionais e locais de trabalho); e zootopônimo (referente a animais) (cf. DICK, 1990b, p. 31-34; SEABRA, 2004, p. 55-59).

cuia	<p>[1] Etimologia: tupi <i>'kuya</i> 'vasilha de forma semi-esférica, de diversos tamanhos, feita da fruta da cuieira (arredondada como um coco ou uma cabaça)'. Fruto da cuieira, usado para o fabrico de vários objetos; ou o recipiente feito desse fruto, depois de seco e desprovido de polpa.</p> <p>[2: <i>kúia</i>] Fruto da cuieira, da família das bignoniáceas, gênero <i>Crescentia</i>.</p>	Mala e Cuia (composto híbrido; expressão cristalizada em língua portuguesa)	Dirrematotopônimo
goiás	<p>[1: <i>goiano</i>] Etim.: topônimo <i>Goiás</i> + <i>ano</i>; segundo Nascentes, o topônimo é derivado do nome dos índios guaiás, por corruptela <i>goiás</i>; do tupi <i>gwa</i> e <i>ya</i> 'indivíduo igual, gente semelhante, da mesma raça'.</p> <p>[2: <i>gúayá</i>] Sósia, parecido ou gente da mesma raça.</p> <p>Nota: o topônimo Goiânia é derivado de Goiás e refere-se à capital desse estado brasileiro.</p>	Goiânia (simples híbrido: <i>goiás</i> + sufixo <i>-ânia</i>)	Corotopônimo
grajau	<p>[4: <i>grajahú</i>] De <i>carayá-hu</i> ou <i>carayá-y</i>, 'rio dos monos carajás'; ou de <i>guajahú</i> ou <i>guayá-ú</i> 'rio dos caranguejos'.</p> <p>[Tibiricá (1985) <i>apud</i> Centurión (2014, p. 62)] <i>Carajá-u</i> [<i>carajá</i> 'mono, macaco' + <i>ú</i> ~ <i>y</i> 'comida - rio'] 'comida de mono, pasto de mono, lugar onde os monos vêm comer'; ou pode ser <i>carajá-y</i> 'rio dos monos'.</p> <p>Nota: item muito controverso, ausente da maioria das fontes consultadas e, quando presente, interpretado das mais diversas formas.</p>	Grajaú (simples)	Duvidoso: hidrotopônimo (se forem consideradas as informações de [4]) ou zootopônimo (segundo análise de Centurión (2014))
guanabara	<p>[1] Etimologia: tupi <i>goanā-pará</i> 'o lagamar'; de <i>gwa</i> 'baía, enseada' + <i>nā</i> 'semelhante' + <i>ba'ra</i> 'mar', 'baía semelhante ao mar'.</p> <p>[2: <i>gúá-nā-bará</i>] Bacia (baía?) semelhante ao mar, baía, enseada, lagamar. Variante: <i>gúá-nā-pará</i>.</p>	Guanabara (simples)	Hidrotopônimo
		Jardim Guanabara (composto híbrido)	Fito-hidrotopônimo
guarani	<p>[1] Pertencente aos guaranis, grupo indígena que habita Mato Grosso do Sul, e Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, onde se divide nos subgrupos caiouá, embiá e nhandeva; no passado, esse grupo, subgrupos ou parte deles eram também conhecidos como araxás, cainguás, carijós, guaianás, ouitatins. Os guaranis encontram-se também na Bolívia e no Paraguai. Etim.: segundo Silveira Bueno, de <i>guarani</i> 'guerrear, combater'; subst. 'a guerra'.</p> <p>[3: <i>guaraní</i>] De <i>guarini</i> 'o guerreiro, o lutador'.</p>	Guarani (simples)	Enotopônimo
guaratã	<p>[1: <i>guarantã</i>] Árvore (<i>Esenbeckia leiocarpa</i>) da família das rutáceas, com madeira nobre, nativa do Brasil; ou arbusto (<i>Cupania xanthoxyloides</i>) da família das sapindáceas, nativo do Brasil; ou o mesmo que gaturamo (ave de pequeno porte). Variantes: <i>guaratã</i>, <i>guratã</i>.</p> <p>[1: <i>gurinhatã</i>] Etimologia: tupi <i>gwirãneenga'tã</i> 'ave do canto forte', formado do tupi <i>gwi'ra</i> 'ave' e tupi <i>ãneenga'tã</i> 'cantar forte' (tupi <i>e'ñe</i> de <i>ñeenga</i> 'cantar' + <i>a'ta</i> 'forte'). Variantes: <i>curiantã</i>, <i>guarinhatã</i>, <i>guiratã</i>, entre outras.</p> <p>[2: <i>gúará-atã</i>] 'A madeira rija'. Árvore da família das rutáceas, gênero <i>Esenbeckia</i>.</p> <p>[2: <i>gúará-itã</i>] Pau-ferro, árvore da família das leguminosas, gênero <i>Cesalpineia</i>.</p> <p>[3: <i>guarantan</i>] De <i>guara-antã</i> 'a madeira rija' (<i>Sapindacea</i>). Variante: <i>guaratã</i>.</p> <p>Nota: item ligeiramente controverso em função de Houaiss e Villar (2001) redirecionarem a consulta da etimologia de "guarantã" (que se refere a árvore) para "gurinhatã" (que se refere a ave).</p>	Guaratã (simples)	Fitotopônimo (mais provável) ou zootopônimo (se for considerada a etimologia de "gurinhatã")
ibirité	<p>Nota: item duvidoso, pois está ausente das fontes consultadas. Sampaio (1987) inclui verbete para "ubiraitá", de <i>ybirá-itá</i> 'pau-ferro'. Há quem atribua seu significado a 'muito verdor'. É item que requer pesquisa adicional.</p>	Túnel de Ibirité (composto híbrido)	Hodo[duvidoso]-topônimo

imbaúba	<p>[1: embaúba] Etimologia: tupi <i>amba'íwa</i> 'nome comum a várias plantas da família das cecropiáceas; embaubeira'. Designação comum às árvores do gênero <i>Cecropia</i>. Variantes: ambaíba, imbaúba, umbaúba, entre outras.</p> <p>[2: yb'-alba] 'Árvore ruim'. Árvore da família das moráceas, gênero <i>Cecropia</i>. Era considerada imprestável.</p> <p>[3: embayba] De <i>embá-yba</i> 'a árvore de oco, ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios'. Variantes: <i>embaúba, imbaúba, ambahiba</i>, e outras.</p>	<p>Imbaúbas (simples híbrido: <i>imbaúba</i> + desinência de plural -s)</p>	Fitotopônimo
indaia	<p>[1] Etimologia: tupi <i>inda'ya</i> (forma paralela de <i>ina'ya</i>) 'palmeiras'. Designação comum a várias palmeiras, especialmente do gênero <i>Attalea</i>. Variante: indajá.</p> <p>[2: in-a-ia] Fruto da pindoba, palmeira do gênero <i>Attalea</i>.</p> <p>[3: indayá] De <i>andá-yá</i> 'amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam'. É a palmeira <i>Attalea Compta</i>. Variantes: <i>andayá, endayá</i>.</p>	<p>Indaia (simples)</p>	Fitotopônimo
ipê	<p>[1] Etim. provável: do tupi <i>i'pe</i> 'casca'. Designação comum a várias árvores da família das bignoniáceas, especialmente do gênero <i>Tabebuia</i>, e a algumas árvores e arbustos da família das leguminosas, especialmente do gênero <i>Macrolobium</i>.</p> <p>[2: y'pé] 'Casca de árvore'. Árvore da família das leguminosas.</p> <p>[3] De <i>y-pé</i> ou <i>yb-pé</i> 'a árvore cascuda'.</p>	<p>Ipê (simples)</p>	Fitotopônimo
ipiranga	<p>[3, p. 94] De <i>y pitã</i> ou <i>y pitanga</i> ou <i>y piranga</i> 'água vermelha'.</p> <p>[4: ypiranga] De <i>y-piranga</i> 'água vermelha, rio vermelho'. Variante: ipiranga.</p> <p>[Dietrich e Noll (2010, p. 98)] Do tupi <i>y pirang-a</i>, 'água + vermelha + sufixo de caso', 'rio vermelho'.</p>	<p>Ipiranga (simples)</p>	Hidrotopônimo
		<p>Vila Ipiranga (composto híbrido)</p>	Pólio-hidrotopônimo
itaiçu	<p>[3: itaiçu] De <i>itá-y-pú</i> 'a fonte das pedras; o manancial saído da pedra ou do rochedo'.</p> <p>[4: itaypú] De <i>itá-y-pú</i> 'pedra onde a água estronda ou faz estrépido'.</p>	<p>Itaiçu (simples)</p>	Litotopônimo
itapoã	<p>[1: itapuã] Etimologia: tupi <i>ita'pwa</i> 'espécie de arpão'. Fisca ou arpão curto, com ponta de ferro, que se usa na pesca da tartaruga, do pirarucu etc. Variante: itapuã.</p> <p>[2: itá-poã] 'Pedra redonda'. Poita, bola de pedra, âncora. Variante: <i>itá-puã</i>.</p> <p>[3] De <i>itá-apuã</i> 'a pedra redonda, o bloco de pedra'. Pode proceder também de <i>itá-poã</i> 'a pedra erguida, o penedo levantado'.</p>	<p>Itapoã (simples)</p>	Ergotopônimo (se forem considerados os significados 'arpão', 'âncora') ou litotopônimo (se forem considerados os significados ligados a pedras)
itatiaia	<p>[2: itá-ti] 'Ponta de pedra'.</p> <p>[3] De <i>itá-tiã</i> 'o penhasco cheio de pontas; a crista eriçada'.</p>	<p>Itatiaia (simples)</p>	Litotopônimo
jacuí	<p>[3: jacuhy] De <i>yacú-y</i> 'rio dos jacus'. Pode também proceder de <i>y-acuí</i> 'o rio enxuto; o rio temporário'.</p> <p>Nota: apesar de 'rio dos jacus' ser mais disseminado, há quem atribua seu significado a 'pequeno jacu'.</p>	<p>Vila São Gabriel Jacuí (composto híbrido)</p>	Pólio-hágio-hidrotopônimo
jaraguá	<p>[1] Etimologia: segundo Nascentes, do tupi <i>yara'wa</i>, Luiz Caldas Tibiriçá afirma que o topônimo <i>Jaraguá</i> provém do tupi <i>jaraguá</i> 'certa planta de fibras têxteis'.</p> <p>[3] De <i>yara-guá</i> 'vale ou baixa do senhor, enseada ou angra do senhor'; ou de <i>yara-quá</i> 'ponta ou dedo de Deus, ponta proeminente'.</p> <p>Nota: item duvidoso.</p>	<p>Jaraguá (simples)</p>	Fitotopônimo (caso seja considerada a versão de [1]) ou geomorfotopônimo (versões de [3])
		<p>Vila Aeroporto Jaraguá (composto híbrido)</p>	Pólio-hodofitotopônimo ou pólio-hodogeomorfotopônimo
jatobá	<p>[1] Etimologia: tupi <i>yeti'wa</i> < <i>yeta'i</i> 'jatal' + <i>iwa</i> 'fruta'. Designação comum às árvores do gênero <i>Hymenaea</i>, da família das leguminosas, subfamília cesalpinoídea, de frutos comestíveis.</p> <p>[2: je-tá-yba] Árvore da família das leguminosas, gênero <i>Hymenaea</i>.</p>	<p>CDI Jatobá (composto híbrido)</p>	Acronimofitotopônimo
		<p>Conjunto Jatobá (composto híbrido)</p>	Poliofitotopônimo
		<p>Distrito Industrial do Jatobá (composto híbrido)</p>	Poliosociofitotopônimo

	<p>[3] De <i>yatay-ybá</i>, contrato em <i>yat-ybá</i>, o fruto do <i>yatahy</i> que se chama moça-branca (mosca-branca).</p> <p>[4] De <i>y-atã-obá</i> 'o que tem dura a casca ou a superfície' (<i>Hymenacea c.</i>).</p>	<p>Jatobá (simples)</p> <p>Vale do Jatobá (composto híbrido)</p>	<p>Fitotopônimo</p> <p>Geomorfofitotopônimo</p>
maloca	<p>[1] Etimologia: origem controversa; pode provir de vocábulo tupi homônimo, conexo com o tupi <i>'oka</i> 'cabana indígena longa e estreita, coberta de palha'; segundo Teodoro Sampaio, tupi <i>mâr-r-'oka</i> 'casa forte para a luta (<i>marã</i>)', designa 'ranchada de índios bravos'; pode também ser hispano-americanismo ou provir da língua araucana. Conjunto de habitações indígenas; aldeia.</p>	<p>Vila Maloca (composto híbrido)</p>	<p>Polioecotopônimo</p>
manacá	<p>[1] Etimologia: tupi <i>'mana'ka</i> 'planta da família das solanáceas'. Designação comum a diversas plantas do gênero <i>Brunfelsia</i>, da família das solanáceas; ou palmeira de até 12m (<i>Euterpe erubescens</i>), nativa da Venezuela e Brasil, com palmito comestível.</p> <p>[2: <i>manaká</i>] Arbusto da família das solanáceas, gênero <i>Brunfelsia</i>.</p> <p>[3] De <i>mana-cã</i> 'o ramallete ereto'; alusão à floração abundante desta planta (<i>Franciscea uniflora</i>), floração que a faz parecer com um ramallete em pé.</p>	<p>Manacás (simples híbrido: <i>manacá</i> + desinência de plural -s)</p>	<p>Fitotopônimo</p>
mangaba	<p>[1] Etimologia: tupi <i>ma'ngawa</i> 'planta da família das apocináceas'. Fruto da mangabeira; ou mesmo que mangabeira.</p> <p>[2] Variedade de sorva, fruto da mangabeira, da família das apocináceas, gênero <i>Hancornia</i>.</p> <p>[3] De <i>mongaba</i> 'o grude, o visco'; alusão ao látex abundante da planta deste nome (<i>Hancornia speciosa</i>). Variantes: <i>mongaba</i>, <i>manguaba</i>.</p>	<p>Mangabeiras (reg. Centro-Sul) (simples híbrido: <i>mangaba</i> + sufixo <i>-eira</i> + desin. de plural -s)</p> <p>Mangabeiras (reg. Leste) (simples híbrido: idem acima)</p>	<p>Fitotopônimo</p> <p>Fitotopônimo</p>
mantiqueira	<p>[2: <i>amand'-y-kyra</i>] 'Goteira de chuva'.</p> <p>[3, p. 177] De <i>amantiquira</i> 'a chuva goteja, ou pinga'.</p> <p>[4] De <i>mã-tykyr</i> 'coisa que verte, ou a vertente'; ou de <i>aman-tykyr</i> 'a chuva goteja ou pinga'.</p>	<p>Mantiqueira (simples)</p> <p>Vila Mantiqueira (composto híbrido)</p>	<p>Meteorotopônimo</p> <p>Poliometeorotopônimo</p>
marajó	<p>[1] Etimologia: topônimo <i>Marajó</i> (< tupi <i>mbara-ïo</i> 'tirado do mar, anteparo do mar', em alusão à posição da ilha na foz do Amazonas, segundo Teodoro Sampaio).</p>	<p>Marajó (simples)</p>	<p>Geomorfofitotopônimo (se considerado o significado de 'anteparo do mar') ou corotopônimo (se considerada a referência à Ilha do Marajó)</p>
paquetá	<p>[3] De <i>paca-etá</i> 'as pacas'.</p>	<p>Paquetá (simples)</p> <p>Vila Paquetá (composto híbrido)</p>	<p>Zootopônimo</p> <p>Poliozootopônimo</p>
pindorama	<p>[1] Etimologia: segundo Teodoro Sampaio, do tupi <i>pin-dó-rama</i> ou <i>pin-dó-retama</i> 'a região ou o país das palmeiras'. Nome que os ando-peruanos e populações indígenas pampianas dão ao Brasil.</p>	<p>Pindorama (simples)</p>	<p>Corotopônimo (se for enfatizado o significado 'região') ou fitotopônimo (se for enfatizada a abundância de palmeiras)</p>
pirajá	<p>[3] De <i>pirá-yá</i> 'capaz de peixe, o viveiro de peixes'.</p>	<p>Pirajá (simples)</p>	<p>Ergotopônimo (se for enfatizado o significado 'viveiro') ou zootopônimo (se for enfatizada a presença de peixes)</p>
piratininga	<p>[1: <i>piratiningano</i>] Segundo Nascentes, a origem do topônimo Piratininga é o tupi <i>pi'ra</i> 'peixe' e (<i>mo</i>)<i>tininga</i>, gerúndio da forma aferética de (<i>mo</i>)<i>tining</i> 'secar', donde 'peixe secando, o seca peixe'; Teodoro Sampaio transmite a explicação de Anchieta: por efeito de transbordamentos, o rio deita fora peixes e os deixa em seco, expostos ao sol; há autores que dão outras explicações.</p> <p>[2: <i>pirá-tininga</i>] 'Peixe seco'.</p>	<p>Piratininga (simples)</p> <p>Vila Piratininga (composto híbrido)</p> <p>Vila Piratininga Venda Nova (composto híbrido)</p>	<p>Zootopônimo</p> <p>Poliozootopônimo</p> <p>Poliozoossociocronotopônimo</p>
sabiá	<p>[1] Etimologia: tupi <i>sawí'a</i> 'sabiá, pássaro da família dos turdídeos'; Nascentes registra um tupi <i>haabi'a</i> e o vocábulo ocorre no "Vocabulário da Língua Brasileira" como <i>çabiã</i> = tordo.</p> <p>[2: <i>çabiã</i>] Pássaro da família dos turdídeos.</p>	<p>Vila Canto do Sabiá (composto híbrido)</p>	<p>Poliozootopônimo</p>

	[3] De <i>çoo-biã</i> 'o animal apazível, mavioso'.		
sumaré	[1] Etimologia: segundo Nascentes, tupi <i>suma're</i> . Designação comum a plantas do gênero <i>Cyrtopodium</i> , da família das orquídeas, frequentemente cultivadas como ornamentais.	Sumaré (simples)	Fitotopônimo
	[3] De <i>çumã-ré</i> 'tende a ligar, o liguento; o grude, a cola'. É a orquídea <i>Lytopodium glutiniferum</i> , que dá um suco como cola.	Vila Sumaré (composto híbrido)	Poliofitotopônimo
taquari	[1] Etimologia: tupi <i>takwa'ri</i> < <i>ta'kwara</i> 'taquara' + <i>ri</i> 'pequeno'. Arvore de até 7m (<i>Mabea paniculata</i>), da família das euforbiáceas, nativa do Brasil. Outras plantas também levam este nome.	Cidade Jardim Taquaril (composto híbrido)	Poliofitotopônimo
	[2: <i>takóar-i</i>] Taquara, variedade fina, gramínea, gênero <i>Bambusa</i> .	Conjunto Taquaril (composto híbrido)	Poliofitotopônimo
	[3: <i>taquaril</i>] De <i>taquar-i</i> 'a cana pequena, ou fina, o taquaril'.	Taquaril (simples)	Fitotopônimo
tupi	[1] Pertencente a qualquer dos grupos tupis, grupos indígenas cujas línguas pertencem ao tronco tupi, que estende-se pelo Brasil e também por outros países da América do Sul. Etimologia: segundo Teodoro Sampaio, de <i>tu-u'pi</i> 'o pai supremo', donde tanto pode ser interpretado como <i>ty'pi</i> ou <i>tu'pi</i> 'os da primeira geração' quanto como sinônimo de <i>tupã</i> 'deus, pai altíssimo', de <i>tu-'pana</i> 'a pancada estrondeante, ou seja, o trovão'.	Novo Tupi (composto híbrido)	Cronotopônimo
		Tupi A (composto híbrido)	Etnotopônimo ⁵
		Tupi B (composto híbrido)	Etnotopônimo

Quadro 2. Informações lexicográfico-toponímicas acerca dos nomes de bairros de Belo Horizonte contendo itens lexicais de origem indígena. As referências às principais fontes consultadas são: [1] Houaiss e Villar (2001) (frequentemente baseada em Cunha (1998)); [2] Carvalho (1987); [3] Sampaio (1987 [1901]); e [4] Sampaio (1901).

É importante observar que, naturalmente, a classificação taxonômica toponímica proposta na tabela diz respeito ao topônimo como um todo, o que em muitos casos não corresponde diretamente ao significado do item lexical de origem indígena. Dois exemplos são os topônimos: Mala e Cuia, classificado como um dirrematotopônimo devido à existência dessa expressão fixa em língua portuguesa⁶, não diretamente relacionada ao significado do termo “cuia”, quando tomado isoladamente; e Goiânia, classificado como um corotopônimo pois refere-se à cidade de Goiânia e não ao grupo indígena dos guaiás/goiás.

Dentre os 38 itens lexicais de origem indígena contidos nos topônimos avaliados, é notável a preponderância de referências a elementos da natureza. Destes, ao menos 14 (36,8%) certamente⁷ possuem alguma referência a vegetais (acaiacá, andiroba, braúna, buriti, cuia, imbaúba, indaiá, ipê, jatobá, manacá, mangaba, pindorama, sumaré, taquari) e ao menos 8 (21,1%) certamente possuem alguma referência a animais (araguaia, bacurau, grajaú, jacuí, paquetá, pirajá, piratininga, sabiá). Há ainda aqueles que se referem a elementos hidrográficos, geomorfológicos, do solo etc. São menos comuns os itens lexicais de origem indígena de natureza antropocultural – sendo mais frequentes, entre estes, os que se

5 Optou-se aqui por desconsiderar os elementos A e B na classificação taxonômica de Tupi A e Tupi B. Outra opção igualmente válida, no nosso parecer, seria considerá-los como numerais, tendo em vista que fazem as vezes de I e 2, ou I e II, ou “primeiro” e “segundo”. Nesse caso, tanto Tupi A quanto Tupi B poderiam ser classificados como etnonumerotopônimos.

6 Utilizada para indicar mudança definitiva ou enfatizar a leva de todos os pertences consigo: “ir de mala e cuia”.

7 Nesta análise, não foram incluídos aqueles itens que geram alguma dúvida de interpretação etimológica. No caso dos itens referentes a vegetais, por exemplo, não foi contabilizado “guaratã” (que pode ter sua etimologia proveniente do nome de uma ave, como demonstra o Quadro 2).

referem a grupos étnicos (corumbiara, goiás, guarani, tupi) e a elementos do mundo material ou a construções (caiçara, cuia, maloca, pirajá⁸).

No que se refere à estrutura morfológica dos topônimos, 33 (57,9%) deles são classificados como simples e 24 (42,1%) como compostos. Dentre os simples, oito (24,2%) são híbridos, isto é, possuem em sua estrutura morfológica não apenas a lexia de origem indígena, mas também pelo menos um elemento de origem não indígena. Nestes, em sete casos (87,5%) há a presença da desinência de plural típica do português, o *-s*; em dois casos⁹ (25%) está presente, além do *-s*, também o sufixo *-eira*, que exprime a ideia de árvore que produz determinado fruto; e em um caso (12,5%) há o sufixo *-ânia*, utilizado com a ideia de ‘terra de’. Já entre os topônimos compostos analisados, todos são híbridos, pois são formados pelo elemento de origem indígena e por um ou mais itens lexicais de origem não indígena. Dentre esses itens lexicais de origem não indígena, o principal destaque é o substantivo “vila”, que surge em dez (41,7%) dos topônimos compostos; em seguida, “conjunto” e “jardim” aparecem, cada um, em dois (8,3%) dos topônimos compostos analisados.

3.2. ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DOS TOPÔNIMOS COM INFLUÊNCIA INDÍGENA EM BELO HORIZONTE

Belo Horizonte cobre uma área correspondente a 331,4 km², com uma população estimada de 2.512.070 habitantes em 2019 (IBGE, 2019). A partir do levantamento realizado neste trabalho e do cruzamento com os dados disponibilizados pela Prefeitura de Belo Horizonte (2010), constatou-se que os bairros cujos nomes possuem algum item de origem indígena ocupam cerca de 46 km² do território da capital mineira – isto é, aproximadamente 13,9% da área total da cidade. Além disso, o número total de habitantes desses bairros ultrapassa 320 mil pessoas, correspondendo a 13,6% da população da metrópole.

Regional	Bairro	Popul.	Área	Regional	Bairro	Popul.	Área
Barreiro	Araguaia	14.635	1,344	Noroeste	Alto Caiçaras	7.411	1,064
	CDI Jatobá	204	0,875		Caiçara-Adelaide	10.794	0,779
	Conjunto Jatobá	3.720	0,141		Caiçaras	13.150	2,246
	Corumbiara	952	0,054		Pindorama	17.579	1,606
	Distrito Industrial do Jatobá	644	0,979		Sumaré	-	0,149
	Itaipu	7.591	0,680		Vila Maloca	663	0,021
	Jatobá	3.447	0,334	Vila Sumaré	2.987	0,088	
	Túnel de Ibirité	1.894	0,195	Norte	Bacurau	104	0,004
	Vale do Jatobá	8.047	0,643		Guarani	7.718	0,760
Vila Piratininga	1.693	0,102	Jardim Guanabara		11.635	1,154	

8 Note que “pirajá” está incluído tanto entre os itens que se referem a animais quanto entre aqueles referentes a elementos da cultura material. Isso ocorre porque, como indica o Quadro 2, pirajá significa ‘viveiro de peixes’, estando, portanto, relacionado tanto a animais (peixes) quanto a um elemento da cultura material (viveiro).

9 Note-se que esses dois casos são coincidentes: Mangabeiras (reg. Centro-Sul) e Mangabeiras (reg. Leste). Interessante observar também que, apesar de conter a terminação *-eira*, Mantiqueira é um topônimo simples: nesse caso, a terminação não corresponde ao sufixo homógrafo, pois já é parte do vocábulo indígena.

Centro-Sul	Mala e Cuia	60	0,002		Novo Tupi	3.048	0,318	
	Mangabeiras (Centro-Sul)	1.947	6,219		Tupi A	10.668	0,912	
Leste	Cidade Jardim Taquaril	173	2,085		Tupi B	13.527	1,302	
	Conjunto Taquaril	14.977	1,099		Oeste	Buritis	29.374	3,822
	Mangabeiras (Leste)	-	0,070			Grajaú	6.279	0,426
Taquaril	3.389	0,421	Guaratã	766		0,101		
Nordeste	Acaiaca	2.565	0,382	Pampulha	Imbaúbas	1.809	0,048	
	Andiroba	791	0,022		Marajó	2.885	0,271	
	Goiânia	16.229	1,956		Braúnas	2.031	2,003	
	Guanabara	-	0,002		Indaiá	3.317	0,435	
	Ipê	4.687	0,489		Itapoã	9.476	1,629	
	Ipiranga	12.194	0,892		Itatiaia	1.793	0,193	
	Pirajá	3.231	0,252		Jaraguá	4.059	0,505	
	Vila Ipiranga	187	0,005		Manacás	8.248	0,696	
Vila São Gabriel Jacuí	699	0,035	Paquetá	6.420	1,455			
Venda Nova	Mantiqueira	20.282	2,924		Vila Aeroporto Jaraguá	618	0,010	
	Piratininga	21.149	1,694		Vila Paquetá	703	0,012	
	Vila Canto do Sabiá	173	0,017	TOTAL		323.699	45,971	
	Vila Mantiqueira	711	0,040		habit.	km²		
	Vila Piratininga Venda Nova	366	0,009	Total de Belo Horizonte (IBGE, 2019)		2.512.070	331.401	
					habit.	km²		

Tabela 1. População e área (km²) dos bairros cujos nomes possuem influência indígena, separados por regional.

Esses dados demonstram que cerca de um sétimo (tanto do território quanto da população) da cidade de Belo Horizonte está em bairros cujos nomes possuem influência indígena. A Tabela 1 detalha essas informações, destacando a população total por bairro e a área ocupada por cada um deles. A organização da tabela inclui a divisão dos bairros em suas respectivas regionais.¹⁰

Dentro da área planejada e construída no final do século XIX – delimitada, de maneira aproximada, pelo perímetro da atual Avenida do Contorno –, não se encontra nenhum dos bairros em cujos nomes foram identificados elementos de origem indígena. A presença periférica desses bairros em relação à região central da cidade fica evidenciada por meio da observação do mapa exibido na Figura 1, que destaca, em vermelho, os bairros cujos nomes possuem influência indígena e indica, por meio de uma linha tracejada, a zona inicialmente planejada da cidade – correspondente, na atualidade, à área central.

10 A cidade de Belo Horizonte é subdividida em nove administrações regionais: Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova.

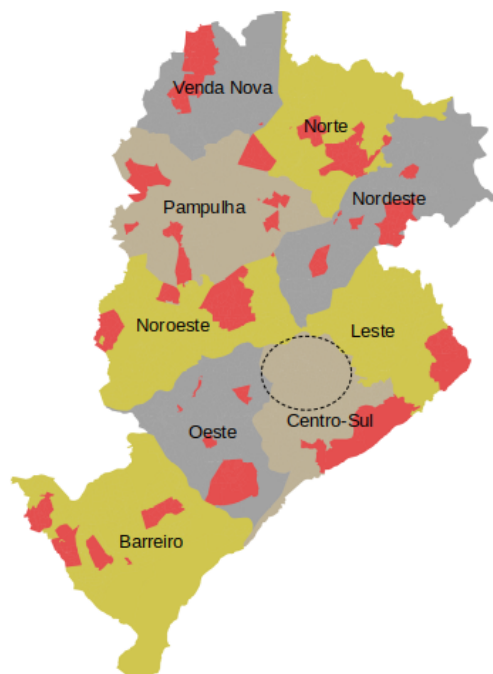


Figura 1. Mapa de Belo Horizonte (gerado utilizando o software QGIS) com a identificação de suas regionais e destacando, em vermelho, os bairros cujos nomes possuem influência indígena. A linha tracejada indica, de maneira aproximada, a zona inicialmente planejada da cidade.

O Gráfico 1 complementa as informações da Figura 1 e apresenta o percentual de bairros, por regional, em cujos nomes foram identificados itens linguísticos de origem indígena. Observa-se que a proporção de topônimos com essa característica é menor na regional Centro-Sul¹¹ – onde se encontra a zona inicialmente planejada da cidade e, de maneira geral, boa parte dos bairros com perfil socioeconômico mais alto –, na regional Oeste e na regional Leste¹² – que, apesar de se situar fora do perímetro da Avenida do Contorno, “é composta por bairros cujas histórias se encontram intimamente ligadas ao início de Belo Horizonte, podendo ser considerada uma das mais antigas da cidade” (SOUZA, 2009). Ao contrário, regionais mais afastadas da área central da capital mineira contam com uma proporção mais elevada de bairros cujos nomes possuem influência

11 Na regional Centro-Sul, apenas dois nomes de bairros possuem elementos de origem indígena: Mala e Cuia e Mangabeiras. O bairro Mala e Cuia, porém, apesar de constar da lista do IBGE, não parece ser sequer reconhecido pela maior parte da população da região, pois se trata de um pequeno “enclave” no bairro Sion, contando com poucas habitações e uma população de apenas sessenta pessoas. De acordo com fontes informais consultadas, seu nome teria como origem o nome de um antigo restaurante que se localizava nas proximidades.

12 De acordo com a lista de bairros consultada, um dos quatro bairros localizados na regional Leste cujos nomes possuem influência indígena é o bairro Mangabeiras. Na verdade, trata-se de uma pequena área verde, sem população, que se estende a partir do bairro Mangabeiras (regional Centro-Sul). Como se observa na Tabela 1, entre os 57 bairros analisados, há ainda outros dois que são meramente segmentações sem população: Guanabara (regional Nordeste) e Sumaré (regional Noroeste). Neste estudo, decidiu-se por mantê-los na análise por razões de fidelidade à fonte de dados original fornecida pela Prefeitura de Belo Horizonte e pelo IBGE.

indígena – como é o caso das regionais Pampulha e Barreiro. Entretanto, é importante ressaltar que, em alguns casos, o número elevado de topônimos com influência indígena em uma determinada zona corresponde a um agrupamento de bairros cujos nomes são pequenas variações do nome de outro bairro, geralmente maior ou mais antigo, que ocupa aquela zona. Alguns exemplos: na regional Barreiro, cinco nomes de bairros próximos compartilham a lexia *jatobá* (CDI Jatobá, Conjunto Jatobá, Distrito Industrial do Jatobá, Jatobá e Vale do Jatobá); na regional Leste, três nomes de bairros vizinhos compartilham a lexia *taquaril* (Cidade Jardim Taquaril, Conjunto Taquaril e Taquaril); e na regional Noroeste, três nomes de bairros adjacentes compartilham a lexia *caiçara* (Alto Caiçaras, Caiçara-Adelaide e Caiçaras); entre outros.

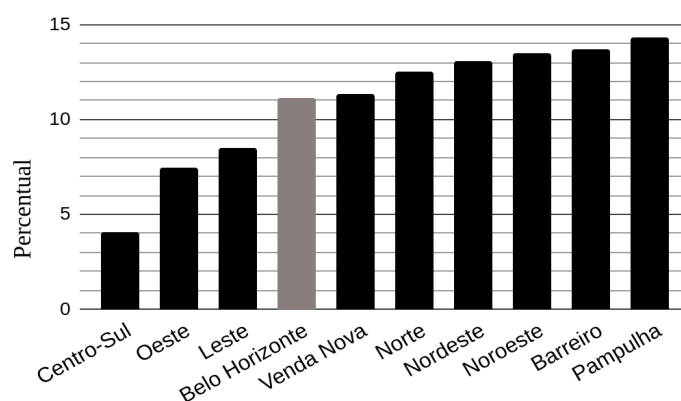


Gráfico 1. Percentual de bairros belo-horizontinos, por regional, cujos nomes possuem influência indígena. A barra em destaque indica o percentual para toda a cidade (11,1%).

Apesar da inexistência de bairros cujos nomes possuem itens linguísticos de origem indígena na região originalmente planejada da cidade, há, nessa mesma região, diversos nomes de ruas com esse atributo. A presença da influência indígena nesse contexto é demonstrada por Saraiva, Carvalho e Diniz (2006), que analisaram os etnotopônimos de origem indígena no centro de Belo Horizonte, abrangendo as ruas com essa característica e evidenciando os interesses presentes na época do planejamento e construção da capital mineira.

4. CONCLUSÃO

Neste artigo, é analisada a presença de elementos lexicais oriundos de línguas indígenas brasileiras na toponímia dos bairros da cidade de Belo Horizonte. Os nomes de todos os 512 bairros da capital mineira foram examinados e identificou-se que 57 deles possuem alguma influência indígena em suas construções. A partir daí, procedeu-se às análises etimológica e morfológica desses topônimos, bem como à sua classificação

taxonômica de acordo com a proposta de Dick (1990b). Por fim, foi explorada a representatividade dos nomes de bairros com itens linguísticos de origem indígena no contexto territorial e demográfico da cidade.

O levantamento evidenciou que os bairros cujos nomes possuem influência indígena abrangem cerca de um sétimo da área e da população de Belo Horizonte. Além disso, foi possível identificar que nenhum desses bairros se encontra na região inicialmente planejada da cidade, o que estimula a realização de pesquisas futuras acerca das motivações para a nomeação dessas regiões. Seria enriquecedor, por exemplo, se alguns dos bairros contemplados neste artigo fossem selecionados para um estudo mais aprofundado, com a finalidade de se compreender suas histórias e, eventualmente, suas conexões com culturas indígenas – considerando que, por vezes, a toponímia está intrinsecamente ligada a fatores culturais e identitários. Outras oportunidades de prosseguimento deste estudo incluem a comparação dos resultados aqui obtidos para a cidade de Belo Horizonte com aqueles referentes a outras cidades de Minas Gerais e do Brasil, sobretudo em áreas metropolitanas cuja formação urbana seja similar, verificando até que ponto os índices de representatividade do léxico indígena na toponímia urbana variam ao redor do estado e do país.

Este estudo, de acordo com nosso entendimento, fornece subsídios para que pesquisadores e a própria comunidade (re)contem as histórias dos bairros estudados, promovendo, assim, novas possibilidades de construção do passado. Afinal, essa construção carrega consigo um grande poder político e social – um poder identitário que afeta, no presente, a todos, devido às relações simbólicas que podem formar-se entre pessoas, seus meios sociais e os ambientes físicos que elas ocupam.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Taxionomia de topônimos: Problema sem solução? *Signum: Estudos da Linguagem*, n. 2, p. 125-137, 1999.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins – Projeto ATITO*. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CARVALHO, Moacyr R. de. *Dicionário tupi (antigo)-português*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1987.

CORDEIRO, Maryelle J.; SEABRA, Maria Cândida T. C. de. Litotoponímia de origem indígena em Minas Gerais. *Revista Philologus*, ano 23, n. 68, p. 65-79, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 5ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. *Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA*. 349 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

- DI TIZIO, Iberê Luiz. *Santo André*. A causa toponímica na denominação dos seus bairros. 183 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- DICK, Maria Vicentina de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.
- _____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990b.
- _____. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida T. C. de. *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 91-117.
- _____. Atlas toponímico do Brasil: Teoria e prática II. *Revista Trama*, v. 3, n. 5, p. 141-155, 2007.
- DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker. O papel do tupi na formação do português brasileiro. In: _____ (Org.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-103.
- DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. *Dicionário de lingüística*. 2ed. São Paulo: Cultrix, 1986.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IBGE. *Belo Horizonte*, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/belo-horizonte.html>. Acesso em: 22 dez. 2019.
- MELO, Pedro A. G. de. Toponímia indígena: Um estudo lexical dos nomes de municípios alagoanos de étimo tupi. *Revista Eletrônica de Ciências*, v. 6, n. 1, p. 160-179, 2013.
- MISTURINI, Bruno. *A toponímia em Bento Gonçalves*: Um estudo interdisciplinar sobre os bairros da cidade. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.
- PBH – PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *População residente e densidade demográfica por bairro, território de gestão compartilhada e regional*, 2010. Disponível em: [https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/noticia/corpo/bairros_pop_dens_bh_2010%20\(3\).pdf](https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/noticia/corpo/bairros_pop_dens_bh_2010%20(3).pdf). Acesso em: 17 jun. 2019.
- SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geographia nacional*: Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. São Paulo: Casa Eclectica, 1901.
- _____. *O tupi na geografia nacional*. Introdução e notas de Frederico G. Edelweiss. 5ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987 [1901].
- SANTOS, Cezar Alexandre Neri. *De Cirigype a Sergipe Del Rey*: Os topônimos nas cartas de sesmarias (1594-1623). 192 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.
- SARAIVA, Maria Olívia de Q.; CARVALHO, Gabriele C.; DINIZ, Carolina R. Análise dos topônimos indígenas das ruas do centro de Belo Horizonte. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Múltiplas perspectivas em lingüística*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 694-702.
- SEABRA, Maria Cândida T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais*: A toponímia da região do Carmo. 368 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- SIQUEIRA, Kênia M. F.; DAVID, Nismária A. Topônimos de origem indígena: O papel do tupi na nomeação dos lugares goianos. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 3, n. 1, p. 119-131, 2014.
- SOUZA, João Batista. *Bairros de Belo Horizonte*. Região Leste, 2009. Disponível em: <https://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/regi%C3%A3o%20leste/>. Acesso em: 25 jan. 2020.